

**O CONCEITO DE “MÉTODO” ENQUANTO MEDIAÇÃO NA PESQUISA
EDUCACIONAL: UMA ANÁLISE DA GNOSIOLOGIA
À LUZ DA ONTOLOGIA MATERIALISTA**

Eixo: Marxismo, educação e luta de classes: desafios históricos e urgências contemporâneas

Júlia Érika Moreira Bastos¹
Frederico Jorge Ferreira Costa

Resumo

O objetivo geral deste ensaio é fazer uma investigação sobre a gnosiologia de forma a apresentar seu entendimento a partir do método ontológico marxiano. Contudo, isso deverá ser feito de forma a utilizarmos a categoria “método” como exemplo fundamental de problemática do conhecimento na pesquisa educacional. Iremos iniciar fazendo os devidos esclarecimentos sobre o método materialista histórico dialético, apontando sua fundamentação ontológica na atividade considerada formadora da essência humana: o trabalho. A ontologia portanto, será tomada aqui como abordagem de pesquisa embutida da radicalidade do pensamento de Marx que é própria da crítica ao capital. Em seguida, adentraremos na análise da abordagem oriunda da Ciência moderna tradicional. Dela, gnosiologia, buscaremos a origem de seu debate teórico, bem como faremos uma analogia crítica entre a sua produção de conhecimento e a produção oriunda da ontologia materialista. Por fim, faremos uma equiparação entre os pontos de vistas investigativos, gnosiológico e ontológico, a findar na conclusão de que no entendimento de “método” para cada um, há uma diferença fundamental no alcance entre o fenômeno e a realidade.

Palavras-chave: Método, Gnosiologia e Ontologia Materialista.

Abstract

The general objective of this essay is to investigate about gnosiology as to present its understanding from the Marx's ontological method. However this has to be done using the "method" category as a fundamental example of the knowledge problematic in educational research. We start enlightening about the dialectical and historical materialism method, pointing its ontological reasoning in the arguably human essence forming activity: the labor. Thus, the ontology will be taken here as an approach of research embedded in the radicalism of Marx's thought which is the critique of capital. Furthermore, we will analyze the approach native of traditional modern Science, the gnosiology, finding the origins of its theoretical debate, as well as making a critical analogy between its knowledge production and the production of the materialist ontology. Finally we assimilate the investigative, gnosiological

¹ Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará – PPGE/UECE e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes

and ontological points of view to conclude that in the understanding of method for each one, there is a fundamental gap in the reach of phenomenon and reality.

Keywords: Method, Gnosiology, Materialist Ontology.

Introdução

No intuito de apresentar esse trabalho, citamos Mészáros (2011, p. 1071) quando diz: “[...] uma teoria compreensiva da transição aparece na agenda histórica da perspectiva de uma ofensiva socialista, baseada em sua atualidade histórica geral, em resposta à crescente crise estrutural do capital que ameaça a verdadeira sobrevivência da humanidade”. Tal citação confirma nosso posicionamento de pesquisa que, partindo da compreensão crítica da realidade e da necessidade de mudanças radicais, pretende ir além de reflexões de âmbito contemplativo. Entendemos que o campo educativo necessita de bases teóricas que gerem ações educativas emancipatórias. Portanto, aqui, partimos de uma compreensão de mundo que exige uma práxis enquanto contribuição, mesmo que pequena, a uma teoria da transição social:

“[...] toda atividade educativa, teórica e prática, que pretenda contribuir para formar pessoas que caminhem no sentido de uma autêntica comunidade humana, deve nortear-se pela perspectiva da emancipação humana [...] Por mais que aquele objetivo pareça difícil e sem viabilidade imediata, ele deve ser perseguido incansavelmente porque ele é o objetivo mais humanamente digno” (Tonet, 2006, p. 34).

Essa é uma ideia que nos é constante, inclusive para a preparação deste trabalho.

Pensar a educação a partir de uma perspectiva emancipatória é um projeto bem maior do que o que caberia neste artigo. Por isso, o tema a ser desenvolvido aqui se restringe à uma investigação da fundamentação teórico-filosófica, muitas vezes negligenciada pelos pesquisadores da educação. É fundamental que as inferências no âmbito educativo estejam pautadas dentro de questões concernentes aos grandes debates filosóficos. Como fazer uma discussão séria sobre temas pedagógicos sem levar em conta as discussões teórico-filosóficas do processo que redundam no conhecimento? Mesmo que tenhamos enquanto objeto final a educação nos moldes emancipatórios, cremos fazerem-se necessários levantamentos teóricos fundantes que nos auxiliem nessa empreitada. Esse artigo que segue é resultado de esforços no caminho de um fortalecimento dessa fundamentação, contudo, sendo escrito na perspectiva

metodológica que por ser embasada no materialismo histórico dialético, aproxima-se mais do real.

Sendo mais específicos, abordaremos entre muitos, um dos aspectos da teoria do conhecimento: a metodologia de pesquisa, o como conhecer. Mas, em que sentido? Pretendemos discutir o conceito de “método” partindo da diferença entre as abordagens gnosiológica e ontológica para colocarmos em discussão o que esse conceito significa para cada uma, situando minimamente suas origens históricas e a relação desses significados com o contexto social.

Em linhas gerais, pensaremos sobre a teoria do conhecimento – mais especificamente na questão do “método” enquanto conceito – de forma a colocá-la como objeto. Assim, o método em si será analisado através do marxismo, o qual nos indica dar ênfase ao conceito de totalidade para uma devida compreensão dos objetos. Por isso, a abstração de momentos do real enquanto um todo, ou seja, em sua origem, natureza e função social, é um momento necessário no processo de produção daquilo que se tornará um concreto pensado.

O materialismo histórico dialético deverá ser aqui entendido em sua radicalidade ontológica. Nesse sentido, entende o trabalho como o ato humano fundamental, pois, permite que sejam geradas as condições materiais para a sobrevivência humana. Além disso, representa a atividade que diferencia o homem do restante da natureza, ou seja, expressando-o enquanto ser social. O trabalho é, portanto, a atividade que por excelência forma a própria essência humana, devendo servir de ponto de partida fundamental para a análise de qualquer objeto de pesquisa, inclusive o estudo do “método”.

De acordo com essa abordagem, será a partir do próprio desenvolvimento da atividade do trabalho enquanto mediação entre homens e natureza, que outras mediações - direito, política, arte, ciência, religião, etc.- se fizeram necessárias e surgiram na história humana enquanto atividades humanas. É o desenvolvimento desse “ato ontológico fundamental” (TONET, 2006, p. 10) ao longo da história do ser social, que possibilita a origem de outros complexos sociais, entre eles estando o da própria educação.

Todo esse esforço de pensamento deverá ser feito com vistas no que pensamos ser uma necessidade da área da educação se apropriar com o devido rigor de elementos teóricos pertinentes a suas próprias discussões. Para isso, tomaremos como obra teórica base o “Método científico: uma abordagem ontológica” do professor Ivo Tonet, na qual irão ser

postas interessantes observações acerca do conhecimento produzido sobre a própria atividade cognoscente, isto tanto do ponto de vista gnosiológico quanto do ontológico.

Esse artigo está dividido em duas partes. Na primeira, nos aprofundamos em esclarecer a metodologia de pesquisa utilizada – padrão de análise e abordagem –, para depois, nos atermos a discussão sobre o “método” enquanto um tema próprio da teoria do conhecimento, nos marcos postos pela atividade pesquisada chamada Ciência moderna.

Método marxiano e ontologia materialista-dialética

Em linhas gerais, o que é o método marxiano? O que entendemos por ontologia e em que ela está implicada nesse contexto? A própria relação entre aquele – que é um padrão metodológico– e a ontologia histórico-social², ou seja, a conexão entre esse padrão de análise e a abordagem ontológica material, parece ser um elemento central para a compreensão do método de Marx.

De acordo com Marx e Engels, o homem destaca-se dos outros animais fundamentalmente, não pela capacidade intelectual ou outra habilidade desse gênero, mas sim por realizar a atividade específica que o permite mediar-se em sua relação com a natureza (Marx e Engels, 1984, p. 15). Essa atividade é o trabalho e essa importância se coloca porque é através dela que, tanto é possibilitada sua sobrevivência física como seu nascimento enquanto ser social. Dermeval Saviani afirma essa categoria e complementa sua definição enfatizando sua historicidade e o fato de ser uma atividade consciente, quando diz:

Ora, o ato de agir sobre a natureza transformando-a em função das *necessidades humanas* é o que conhecemos com o nome de trabalho. Podemos, pois, dizer que a essência do homem é o trabalho. A essência humana não é, então, dada ao

² Em tempos de forte expressão ideológica neo-liberal como os atuais, nos quais há uma nítida priorização dos interesses da classe burguesa frente a outra classe fundamental, parece ser interessante que façamos um esclarecimento para evitar críticas mal fundamentadas: sobre a dinâmica de determinação entre o nível material e as outras instâncias sociais da vida humana. Então, comecemos esclarecendo que o método marxiano nos indica fazer a análise do real observando os processos de influência *mútua* que se dão entre a estrutura da reprodução material do homem - economia como práxis humana, na qual há uma dialética entre materialidade e consciência - e a superestrutura. Esta enquanto conjunto das outras dimensões sociais condicionadas a partir daquele processo de desenvolvimento humano, portanto também de caráter objetivo e subjetivo. Sobre essa mútua influência nos esclarece Ivo Tonet: “a relação que se estabelece entre elas não é nem de dependência mecânica, nem de autonomia absoluta e muito menos de permutabilidade de funções, como se o caráter de dimensão fundante pudesse ser exercido por qualquer uma, dependendo de uma preferência subjetiva” (2013, p. 95). Nos fica indicado portanto, uma fluência entre o contato da dimensão econômica e as demais, ou seja, fica posto um posicionamento frente a uma leitura vulgar de acusação de determinismo econômico do entendimento social que se daria a partir da ótica marxista.

homem; não é uma dádiva divina ou natural; não é algo que precede a existência do homem. Ao contrário, a essência humana é produzida pelos próprios homens. O que o homem é, é-o pelo trabalho. A essência do homem é um feito humano. É um trabalho que se desenvolve, se aprofunda e se complexifica ao longo do tempo: é um processo histórico (SAVIANI, 2006, p. 154, grifos nossos).

É a partir do trabalho humano consciente que o homem garante sua sobrevivência, se faz enquanto homem e ainda, faz com que a vida em sociedade seja possível:

“Tornar-se homem é, pois, para Marx, na sua essência, transformar o mundo e a si mesmo; criar objetos e criar-se de forma cada vez mais ampla, universal e multifacetada; tornar parte de si mesmo um conjunto cada vez maior de elementos que fazem parte do gênero humano; agir de forma sempre mais consciente e livre, isto é, dominando o processo de autoconstrução de si mesmo e do mundo [...] (TONET, 2006, p. 16)

Essa é a concepção marxiana do ser humano, necessariamente social e histórico, e é a busca pelo entendimento desse ser sócio-histórico o diferencial do princípio ontológico que ilumina o método marxista em relação às outras análises ontológicas até seu tempo. A ontologia, em geral, consiste na busca pelo que forma o ente, pelo que constitui a sua essência. Se antes - na antiguidade e medievo - a ontologia tinha um princípio metafísico não histórico e especulativo, com Marx a realidade histórica e social baseia-se na própria atividade humana, agora tida por isso como materialista. É nesse sentido, que o professor Ivo Tonet afirma que “Marx não é um clássico [...] Marx é um instaurador de um padrão radicalmente novo do conhecimento” (2013, p. 69).

Assim, concluímos que o método materialista histórico dialético traz como fundamento primeiro, como essência, aquilo que faz do homem um ser social, ou seja, sua capacidade de transformar a natureza conscientemente e de acordo com suas necessidades reprodutivas ao longo da história. Essa atividade que é o trabalho é entendida em uma dinâmica imanente de interferência mútua com os outros processos próprios do homem. Tal realidade, só pode ser investigada rigorosamente se o próprio movimento dialético for levado em consideração nas investigações feitas a partir de uma abordagem ontológica. Logo o método de pesquisa materialista-dialético é desenvolvido de maneira a buscar conhecimento sobre o ser social, investigando a origem, a natureza e a função social dos objetos pesquisados, sejam eles o próprio ser ou as mediações produzidas por ele. Lembramos que dentre elas está a própria teoria do conhecimento.

Do ponto de vista ontológico ao gnosiológico: o conceito de “método”

A partir da explicitação do que entendemos por ser o método marxiano na radicalidade ontológica que lhe parece própria, passemos a explicação do padrão de análise que pretendemos tratar: o da Ciência moderna tradicional. Para fazermos essa exposição, apresentaremos tanto a abordagem gnosiológica – própria da modernidade – em seus princípios basilares, como faremos uma analogia entre os dois pontos de vistas em pesquisas aqui tratados: o gnosiológico e o ontológico. Para isso, utilizaremos como referência na análise o conceito de “método”, já que é um exemplo marcante dentre as diversas problemáticas do conhecimento para entendermos a diferença teórica entre as duas abordagens que estamos apresentando.

As questões relativas a esse espaço de estudo são inúmeras e variáveis. De maneira geral, nesse campo podem ser perseguidas respostas para perguntas do tipo “o que é conhecer e conhecimento?”, “o que é o ser?”, “o que podemos saber?”, “que uso fazemos do conhecimento?” e, dentre outras mais, aquela que permeia, de certa maneira, o problema que nos propomos trabalhar: o *como* podemos saber.

Ivo Tonet no início de seu livro sobre o método em Marx³ coloca em discussão essa temática levantando o mote da existência de abordagens distintas para a análise da problemática do conhecimento. Na verdade, aponta ele que o modo diferenciado do tratamento de um mesmo assunto está em sua base, relacionado aos próprios padrões metodológicos de pesquisa sobre o assunto. Ora, como sabemos, a metodologia científica tradicional reconhece como forma de análise a gnosiologia. Isso fica bem demonstrado quando em seu texto Tonet nos faz lembrar, através de uma análise histórico-social, a modernidade enquanto um tempo de mudanças radicais no tocante ao desenvolvimento do pensamento. Sabemos que nesse período ocorre o que Kant denomina como sendo uma “revolução copernicana” na história do pensamento. Nessa revolução, o sujeito desde a antiguidade, pólo secundário do processo do conhecer, adquire a centralidade no mesmo. Assim, o objeto, misto de aparência e essência até então pólo fundamental para o ato de conhecer, é posto em segundo plano pela modernidade. A pesquisa realizada nos moldes da Ciência da época passa a utilizar então a abordagem gnosiológica como princípio norteador de suas pesquisas.

Tonet, baseando-se na teoria de Marx, concorda com essas considerações, afirmando sem grandes restrições, ser plenamente possível que a análise de questões relacionadas ao

³TONET, Ivo. *Método científico: uma abordagem ontológica*. São Paulo: Instituto Lukács, 2013. 136 p.

conhecimento seja feita a partir do uso da gnosiologia. Contudo, afirma uma segunda possibilidade: a mesma pesquisa também pode ser feita através da ontologia. Este é o ponto. A Ciência tradicional descarta a ontologia ao levar em consideração apenas a abordagem gnosiológica. Nesse caso, ao estreitar a possibilidade de análise apenas para sua metodologia, a pesquisa gnosiológica já partiria de uma postura de falseamento da investigação, pois, partindo exclusivamente de si mesma impediria reflexões que poderiam ser alcançadas através de outras formas de pesquisa, ficando nula a possibilidade de conseguir resultados diferentes daqueles que ela encontra ao se limitar a si mesma.

Observamos, contudo, que o fato de Ivo Tonet, baseado em Marx, admitir em seu texto a existência da pesquisa gnosiológica, não necessariamente vai fazê-lo compactuar com a ideia de que aquela faça uma leitura verdadeiramente real dos fenômenos. Pelo contrário, a crítica ontológica à gnosiologia se dá no sentido de que não buscando a essência da realidade - o que é um princípio do qual parte - tenda a pautar suas conclusões na esfera da aparência, se afastando assim da totalidade do real. Em outras palavras, admitir a possibilidade de outra via investigativa não significa necessariamente que estes pensadores concordem de forma integral com os resultados alcançados em uma análise feita a partir dessa perspectiva. A perspectiva gnosiológica é alvo de forte crítica por este e outros pensadores que se utilizam da orientação ontológica marxista. Porém, entendemos que o fato da abordagem do método marxiano admitir a existência de outro padrão de análise, que fundamenta a Ciência Moderna, parece ser condição determinante para que seja possível sua crítica dialética, que nega, conserva e coloca as questões metodológicas num patamar ontológico.

Padrão de análise	Abordagem	Objeto
Ciência Moderna	Gnosiologia	Método
Método Marxiano	Ontologia Materialista	Método

Em suma, o que estamos enfatizando é que a análise de problemáticas referentes ao conhecimento, na qual se inclui o estudo do método, pode ser feita de um ponto de vista ontológico ou gnosiológico. Esse, como vimos, seria um princípio de partida distinto e distintivo em toda pesquisa, ou seja, é provável que o significado atribuído a “método” seja dependente da própria fundamentação - padrão de análise e consequente abordagem - que norteia a pesquisa. Entendida essa ênfase, passemos a outros esclarecimentos.

No que exatamente acarretaria a diferença entre essas duas abordagens? Continuemos nos atendo a algumas observações ressaltadas por Ivo Tonet, entendendo que cabe ainda desenvolver melhor alguns conceitos. Reflitamos então quais as especificidades entre “gnosilogia” e “ontologia”; como de “ponto de vista gnosiológico” e “ponto de vista ontológico”.

Na obra de referência, Tonet define especificamente a gnosilogia como “estudo da problemática do conhecimento”, de maneira a diferenciá-la da ontologia que se refere ao “estudo do ser, isto é a apreensão das determinações mais gerais e essenciais daquilo que existe” (2013, p.12). Mas, em que exatamente isso diferencia as conclusões acerca do Conhecimento? Ora, enquanto a *gnosilogia* detém-se diretamente nas questões relacionadas ao conhecer, a *ontologia* faz um trabalho anterior e mais essencial. Ela não parte do já posto para investigar. Antes, faz questionamentos sobre aspectos do ser em si, busca a raiz do que está sendo apenas apresentado. Ou seja, é na análise ontológica que perguntas como “o que é conhecer, o conhecimento, o que conseguimos saber?” são posteriores a “o que é o ser e a realidade?”. Estas seriam absolutamente mais fundamentais, pois, permite investigar o fenômeno, o objeto em sua natureza.

É preciso delimitar também a que estamos nos referindo quando fazemos referências a *abordagem ontológica* e *abordagem gnosiológica* para tratamento de objetos referentes ao conhecimento, como é o caso do método. Podemos pensar que se tomarmos a questão do método como objeto de pesquisa o poderíamos fazer, tanto do ponto de vista ontológico, quanto do gnosiológico. E fazê-lo a partir da abordagem gnosiológica é tratarmos essa categoria a partir do entendimento de preceitos que vimos contidos nos fundamentos da Ciência Moderna.

Na análise através do ponto de vista gnosiológico os processos de conhecimento partiriam da atividade de pensamento do sujeito que investiga. O sujeito, e não o objeto, é considerado o eixo do processo. Ocorre que, nesse caso, esse conhecimento pode ser simplesmente criado especulativamente, ou seja, sem condizer com a realidade. Isso porque, não necessariamente é levada em conta a busca pelo real propriamente posto, mas sim do aparente, por sua vez, considerado por esta abordagem muitas vezes como o único nível de aspecto passível de ser alcançado. Para a análise, a partir do ponto de vista ontológico, nesse processo de conhecer se faz necessária uma investigação dos objetos em si mesmos. O papel do sujeito investigativo seria a tradução do que real, porque mesmo sabendo-se que a

apreensão não é possível na sua plenitude, deve ser buscada a maior aproximação. O sujeito fica então subordinado ao objeto, que desse ponto de vista é considerado o eixo do processo. Por outro lado, uma abordagem ontológico-materialista para investigar “método”, se atendo a esse objeto, faria uma investigação da sua natureza, origem e função social.

Portanto, o conceito de “método” partindo do ponto de vista ontológico, mais especificamente, materialista, não pode ser entendido como uma técnica como na Ciência moderna. Será uma forma de investigação e tradução o mais próxima possível da realidade. Buscará a partir do objeto o seu significado essencial de forma a relacioná-lo com a estrutura de produção e reprodução humana histórico-social, na qual está inserido, e a qual influencia.

Já se partirmos do ponto de vista gnosiológico para pensá-lo, o próprio método marxiano não poderia receber essa denominação - daí a polêmica sobre se a metodologia marxiana ser ou não científica. Na gnosiologia o método significa “[...] uma arrumação operativa, a priori, da subjetividade, consubstanciada por um conjunto normativo de procedimentos, ditos científicos, com os quais o investigador deve levar a cabo seu trabalho” (Chasin apud. Tonet, 2013, p. 72). Essa definição se encaixa nos *modus operandi* da Ciência tradicional. É nesse sentido que afirmamos, em comum acordo com a abordagem ontológica, que em Marx, o método não é apenas método.

Por fim, o fundamental de acordo com as considerações feitas até aqui é que:

[1] Dentro das problemáticas do conhecimento podemos abordar a teoria do conhecimento a partir dela mesma, gnosiologia, ou, reconhecendo que ela não é a forma única de análise, fazemos uma investigação ontológica sobre a mesma. Afinal, a gnosiologia enquanto objeto também tem sua origem, natureza e função social.

[2] A partir disso, pensar que, se como entendemos, a problemática do conhecimento se refere também a questão do “método”, concluímos também que existem, pelo menos, duas maneiras de pensá-lo. O que quer dizer que em nossas pesquisas educacionais, ao fazermos uso desse conceito estamos, conscientemente ou não, partindo necessariamente de um ponto de vista gnosiológico ou ontológico.

Considerações finais

Ao fazer uma análise sobre o *método* enquanto objeto, deve ter ficado claro que já partimos de um próprio conceito de *método*. Fazer essa pesquisa foi um desafio porque a identidade aparente entre a nomenclatura do objeto estudado e o modo de desenvolver a pesquisa exigiu um esforço cognitivo maior.

Como pode ser observado, para a pesquisa não tivemos em mente o conceito de método do ponto de vista gnosiológico, ou seja, enquanto tendo formulações que partem da uma centralidade do sujeito e não do objeto, porque, como vimos, dentre outras consequências, aquela abordagem põe a realidade como *interpretação* construída pelo indivíduo singular, no lugar de ser uma *apreensão* da coisa como de fato é. O que nem de longe era nosso objetivo e por isso no decorrer do trabalho pensamos o método numa abordagem ontológica, e mais ainda, material. Adotada essa perspectiva, será sempre *conditio sinequa non* compreendermos a categorias trabalho enquanto atividade fundamental do gênero humano. Foi o que buscamos fazer, pois mesmo que o processo investigativo parta de uma categoria, de uma parte separada, ele deve ser entendido como em relação dialética com o todo social. Relacionada ao contexto de reprodução humana por ora vigente. Contexto esse que, em nossos tempos, como se sabe, adquire um caráter que demanda urgência:

[...] a crise estrutural do sistema do capital como um todo, a qual estamos a experimentar na nossa época numa escala de era, está destinada a ficar consideravelmente pior. Ela tornar-se-á na devida altura muito mais profunda, no sentido de invadir não apenas o mundo das finanças globais mais ou menos parasitárias como todos os domínios da nossa vida social, econômica e cultural. (Mészáros, 2008)⁴.

Pensando nisso, fazemos uso de uma das mais conhecidas teses sobre Feurbach, a décima primeira: “Os filósofos têm apenas *interpretado* o mundo de maneiras diferentes, a questão é *transformá-lo*” (MARX E ENGELS, 1984, p. 111). Essa referência tem a intenção de deixar claro que o trabalho científico desenvolvido aqui se pretendeu forjado nos moldes de uma filosofia da práxis. Um exercício de abstração, mas que é feito a partir do concreto, e o mais importante, com ideais que perseguem uma transformação. Outra forma de sociabilidade ainda não realizada, mas possível: “O comunismo não é para nós um *estado de coisas* que deva ser estabelecido, um *ideal* pelo qual a realidade (terá) de se regular. Chamamos comunismo ao movimento *real* que supera o atual estado de coisas” (Marx e

⁴Informação obtida da palestra “A crise em desdobramento e a relevância de Marx” realizada em Conway Hall, Londres, 2008.

Engels, 1984, p. 42). Neste, o trabalho assalariado seria substituído pelo livremente associado, sendo possibilitada aquela condição que se faz tão necessária nos nossos dias: a emancipação humana.

Para finalizar este trabalho fazemos nossas as palavras maduras do professor Tonet que tanto nos auxiliou nas reflexões aqui desenvolvidas:

Vale enfatizar que não se trata de desconhecer, negar, desqualificar ou menosprezar os ganhos obtidos a partir dos outros paradigmas. Trata-se de compreender cada um deles em sua configuração histórica e social; compreender a sua origem, a sua natureza e a função social que cada um deles exerceu e exerce na reprodução do ser social. Reforça-se, assim, a ideia de que nenhum deles é a forma definitiva de produzir ciência, mas, ao contrário, todos eles são uma forma, histórica e socialmente determinada, de construir o conhecimento (Tonet, 2013, p. 10).

Isso para afirmar que a própria teoria marxiana faz parte da dinâmica da história humana e, portanto, está sujeita a críticas reflexivas. Sendo por nós utilizada até enquanto entendermos que ela é o padrão metodológico científico que melhor nos permite aproximar da essência da realidade para transformá-la.

Referências Bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ENCYCLOPÉDIE de laphilosophie. Paris: La Pochothèque, Garzanti; Paris, Librairie Général e Française, 2002.

LAW, Stephen. **Guia Ilustrado Zahar: filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2011.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos à Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. Trad.br. Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2008.

_____. **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição**. Trad.br. Paulo César Castanheira e Sérgio Lessa. São Paulo: Boitempo e Editora da UNICAMP, 2011.

_____. **A crise em desdobramento e a relevância de Marx**. Disponível em: http://resistir.info/meszaros/meszaros_nov08_p.html. Palestra realizada em Conway Hall, Londres, 2008. Acesso: 29 de setembro de 2013.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. Trad. br. Maria Helena Barreiro Alves. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

_____. **O capital**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. 1v. (Coleção os economistas).

MARX, Karl e ENGELS, Fredrich. **A ideologia Alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

REALE, Miguel. **Introdução à filosofia**. São Paulo: Saraiva, 2002. 322 p.

SAVIANI, Dermeval. **Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos**. In: 29a. Reunião Anual da ANPED, 2006, Caxambu. GT-Trabalho e Educação da ANPED, 2006.

TONET, Ivo. **Educação, cidadania e emancipação humana**. Ijuí: Editora Unijui, 2005.

_____. **Educação contra o capital**. Maceió: EdUFAL, 2007.

_____. **Método científico: uma abordagem ontológica**. São Paulo: Instituto Lukács, 2013.